

CONFLITO COM OS FARISEUS

O capítulo 15 continua a salientar as diferentes reações das pessoas diante de Jesus e de Seu ministério. Ele começa com um conflito com os fariseus, os quais estavam tentando impor suas tradições humanas a Jesus e Seus discípulos (15:1–20). Então, depois de Se retirar do litoral fenício, Jesus encontrou uma gentia que Lhe rogou a cura da filha. Jesus elogiou a mulher por ter uma fé inabalável e grande (15:21–28). O capítulo conclui com Jesus realizando milagres entre as multidões (15:29–39). O ato de Jesus curar os enfermos inspirou o povo a louvar ao Deus de Israel. Movido por compaixão, Jesus também alimentou a multidão que O seguia, um grupo que integrava quatro mil homens.

TRADIÇÕES FEITAS POR HOMENS *VERSUS* A LEI DE DEUS (15:1–9)

¹Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: ²Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem. ³Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? ⁴Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. ⁵Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; ⁶esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. ⁷Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:

⁸Este povo honra-me com os lábios,
mas o seu coração está longe de mim.

⁹E em vão me adoram,
ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Versículo 1. A popularidade de Jesus espalhava-se continuamente, chamando a atenção não só de Herodes Antipas, na Galileia (14:1, 2), mas também dos líderes judeus, em **Jerusalém**. Desde o começo de Seu ministério, Jesus teve seguidores que moravam em Jerusalém (4:25). A essa altura, Ele havia visitado a Cidade Santa pelo menos duas vezes (João 2:13; 5:1).

Os líderes de Jerusalém mandavam delegações para investigar a movimentação de Jesus na Palestina (veja João 1:19–28). Anteriormente, Jesus havia incomodado os líderes locais da Galileia quando comeu com publicanos e pecadores e violou as tradições de sábado inventadas por homens (9:11, 34; 12:2, 14). Jesus também ofendeu esses homens quando pronunciou o perdão de pecados a um paralisado que foi levado até Ele (9:2, 3). Portanto, vendo os ensinamentos de Jesus como uma ameaça, os líderes de Jerusalém enviaram um grupo à Galileia para infamar Jesus. Segundo Marcos, um conflito anterior – em que Jesus foi acusado de estar possuído por Belzebu – também surgiu de um contingente procedente de Jerusalém (Marcos 3:22; veja Mateus 9:34; 12:24). Sem dúvida, esses líderes judeus esperavam que seus esforços tivessem mais êxito do que tiveram no passado.

Alguns dos enviados de Jerusalém são identificados como **escribas**. Esses homens preparavam cópias à mão das Escrituras do Antigo Testamento, bem como de outros documentos legais. Devido à familiaridade deles com o texto sagrado, tornaram-se os principais intérpretes dele (2:4; 5:20; 7:29). Também eram chamados de “intérpretes da lei” (22:35) e “mestres da lei” (Lucas 5:17). Por causa da profissão que desempenhavam, eram reconhecidos por conhecerem a Lei.

Os **fariseus** (“os separados”) eram a maior seita entre os judeus. Eram os legalistas daquele tempo (veja 23:1–10), apegados tanto à lei escrita como às tradições orais. Eles surgiram em oposição à promoção da cultura grega entre os judeus no tempo de Antíoco Epifanes¹. Geralmente defendiam as doutrinas da ressurreição e da imortalidade da alma, ao contrário dos saduceus. Também acreditavam na doutrina da recompensa e do castigo no futuro (Atos 23:8; veja comentários sobre 3:7). Embora nem todo fariseu fosse escriba, a maioria dos escribas compunha-se de membros do partido farisaico².

Versículo 2. A indagação dos escribas e dos fariseus era mais uma acusação do que um pedido de informação. Em outra ocasião, certo fariseu demonstrou surpresa quando o próprio Jesus não realizou a cerimônia de lavagem de mãos antes de comer uma refeição (Lucas 11:38).

Uma vez que os rabinos eram vistos como responsáveis pelo comportamento de seus alunos, Jesus foi criticado pelos atos de Seus **discípulos** (veja 9:14; 12:2). Sem dúvida, o comportamento dos discípulos estava relacionado ao ensino e ao exemplo de Jesus. Considerando que os discípulos estavam contrariando uma tradição tão antiga, é muito provável que seus atos não resultassem de descuido ou fraqueza, mas de escolhas intencionais decorrentes dos ensinamentos de Jesus. Estavam agindo daquela maneira por uma questão de princípio, e não por negligência. Pelo menos, parece ser esse o raciocínio dos fariseus e escribas³.

¹Antíoco IV (que se chamava “Epifanes”, “o deus manifestado”) foi o governador do Império Selêucida no segundo século a.C. Seus feitos como o conquistador da Palestina foram tão ofensivos aos judeus que desencadearam a Revolta dos Macabeus.

²David Hill, *The Gospel of Matthew*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972, p. 250.

³Leon Morris, *The Gospel According to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 389.

Os fariseus e os escribas estavam usando a **tradição dos anciãos** como padrão de julgamento. A palavra “tradição” (παράδοσις, *paradosis*) refere-se a ensinamentos que foram “transmitidos” ou “passados”. “A tradição dos anciãos” denota as interpretações das Escrituras que foram transmitidas de geração a geração. Antes de sua conversão, Paulo era fariseu, e zelava pelas “tradições de [seus] pais” (Gálatas 1:14; NVI).

Após o cativeiro babilônico, mestres judeus estabeleceram muitas regras meticulosas para reger a vida diária do povo. O propósito dessas regras era definir melhor a Lei. Elas também visavam impedir que os judeus repetissem os pecados do passado que os levaram à decadência. A intenção era que servissem como uma “cerca ao redor da Lei”⁴. Transmitidas oralmente por séculos, essas tradições acabaram sendo registradas no Mishná. Os rabinos alegavam que Moisés recebeu originalmente essa lei oral no monte Sinai e que ela era transmitida ao povo pelos anciãos de Israel⁵.

Todavia, nem todos os judeus aceitavam essas tradições. A maioria dos escribas e fariseus as considerava tão obrigatórias quanto a própria lei escrita. Os saduceus, porém, as rejeitavam e alguns judeus comuns não as seguiam⁶. Flávio Josefo escreveu:

Os fariseus passaram ao povo uma grande porção de observâncias por sucessão de seus pais, as quais não constavam da lei de Moisés; e, por essa razão, os saduceus rejeitavam essas observâncias e diziam que devemos honrar as observâncias obrigatórias que estão na *palavra escrita*, e não observar o que deriva da *tradição de nossos antepassados*; e foi com respeito a essas coisas que surgiram grandes debates e diferenças entre eles, embora os saduceus só consigam persuadir os ricos..., enquanto os fariseus têm a multidão do seu lado.⁷

Após algum tempo, essas tradições inventadas por homens ganharam maior destaque do que a Palavra de Deus. Fontes posteriores relatam que a lei oral tinha mais peso do que a lei escrita⁸.

Na acusação contra os discípulos do Senhor, os escribas e fariseus não tentaram omitir o fato

⁴Mishná, *Abot* 1.1.

⁵Ibid.

⁶Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 148.

⁷Flávio Josefo, *Antiguidades* 13.10.6 (grifo acrescentado).

⁸“Uma regra mais rigorosa é aplicada aos ensinamentos dos escribas do que aos ensinamentos da Torá” (Mishná, *Sanhedrin* 11.3; veja Talmudê, *Abodah Zarah*; *Erubin* 21b).

de que era a tradição oral deles que estava sendo transgredida, e não o mandamento escrito da Lei. Criticaram os discípulos por não **lavar[em] as mãos**, antes de comer. O motivo da acusação não era uma preocupação com a higiene pessoal; mas uma preocupação com as tradições relativas à pureza cerimonial. Os críticos do Senhor raciocinavam da seguinte maneira: todo judeu estava suscetível a tocar as mãos em algo impuro no decorrer do dia. Quando pegasse seu pão para comer na hora da refeição, este ficaria impuro. Então, quando comesse o pão, todo o seu corpo ficaria igualmente impuro. Por isso, com o intuito de evitar a contaminação cerimonial, era preciso sempre lavar as mãos antes de comer (veja Marcos 7:3, 4)⁹.

O Mishná contém um tratado inteiro, o *Yadaim* (“Mãos”), dedicado à lavagem de mãos, demonstrando a seriedade do tema. Esse documento discute coisas que tornam as mãos impuras, quais utensílios podem ser usados na lavagem, o tipo e quantidade de água usada na purificação e o método apropriado de lavagem. Por exemplo, ele diz que as mãos devem estar erguidas, com as pontas dos dedos para cima e que a água deve ser derramada sobre as mãos até escorrer pelos pulsos. Depois disso, a água deve ser derramada nas mãos com os dedos apontados para baixo¹⁰.

É bem possível que os escribas e fariseus tivessem tomado a legislação especificamente dada aos sacerdotes de Israel, adaptando-a para as pessoas comuns. Segundo Êxodo 30:17–21, Deus exigia que os sacerdotes lavassem as mãos e os pés na bacia de bronze antes de iniciarem os rituais sacrificiais. Os fariseus acreditavam que, pela lavagem cerimonial das mãos, as pessoas comuns “consumiriam o alimento diário como se fosse um sacrifício a Deus no altar do templo”¹¹. Essa prática, juntamente com muitas outras semelhantes, garantiria a santidade do povo perante Deus.

Versículo 3. Apesar de os judeus unificarem a tradição oral à lei de Moisés dada no monte Sinai, Jesus obviamente não via autoridade na tradição oral. Todavia, Ele não discutiu a questão da lavagem de mãos cerimonial. Em vez disso, Ele fez

⁹Morris, p. 391.

¹⁰Mishná, *Yadaim* 2.3.

¹¹Michael J. Wilkins, “Matthew” em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 95. Certo rabi disse: “Assim como uma pessoa suja é inadequada para o serviço do Templo, mãos sujas desqualificam a pessoa para dar graça” (Talmude, *Berakoth* 53b).

uma acusação direta. Seguindo o bom estilo dos rabinos, Jesus respondeu a pergunta fazendo outra pergunta: **“Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?”** A natureza enfática do texto grego é trazida à tona na tradução “vós também”; Jesus estava apontando o dedo para os fariseus. Se os Seus discípulos estavam violando as tradições dos anciãos, os fariseus estavam violando o mandamento de Deus! Estavam tratando suas tradições orais como se fossem mais importantes do que a revelação escrita de Deus.

Versículo 4. Jesus esclareceu Sua acusação, apresentando aos escribas e fariseus uma ilustração do que eles praticavam. Estavam transgredindo o quinto mandamento, em que **Deus ordenou: “Honra a teu pai e a tua mãe”** (Êxodo 20:12; veja Mateus 19:19; Efésios 6:2). A esse mandamento, Jesus acrescentou outro, o que incluía a penalidade por desonrar os pais: **“Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte”** (Êxodo 21:17; Levítico 20:9).

A Lei não especificava todos os detalhes embutidos na palavra “honrar”. Todavia, obviamente estava incluso o sustento financeiro (veja 1 Timóteo 5:4). Não havia nenhum sistema de assistência social entre os judeus na época de Cristo. Entendia-se que os filhos sustentariam os pais quando estes estivessem velhos demais para se sustentar. Certa tradição rabínica afirma que um filho é obrigado a sustentar o pai com comida e bebida, vesti-lo, cobri-lo, conduzi-lo para dentro e para fora e lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés¹². Outra tradição diz que um filho tem o dever de sustentar o pai, ainda que para isso tenha de mendigar¹³. Nos versículos 5 e 6, o Senhor definiu claramente a ordem para “honrar o pai e a mãe”, incluindo não só amor e respeito, mas também assistência financeira, se necessário.

Versículos 5 e 6. A expressão **mas vós dizeis** é colocada em contraste com a expressão “porque Deus ordenou”, no versículo 4. Com estas três palavras, Jesus colocou os fariseus em oposição direta a Deus. Embora Deus houvesse ordenado: “Honra a teu pai e a tua mãe”, os fariseus julgavam que podiam alterar a regra: **“esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe”** (grifo acrescentado).

¹²Talmude, *Kiddushin* 31b; Talmude de Jerusalém, *Kiddushin* 1.7.

¹³Talmude de Jerusalém, *Kiddushin* 1.7.

Na intenção de fugir à responsabilidade de ajudar os pais, um judeu desobediente dizia: “**É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim**”. O texto grego contém o substantivo “dádivas” (δῶρον, *doron*), um termo que geralmente denota dádivas e ofertas sacrificiais feitas no templo (5:23, 24; 8:4; 23:18, 19; Lucas 21:1, 4). Em Marcos 7:11, juntamente com *dōron*, é usada a palavra “Corbã” (κορβᾶν, *korban*). Esse termo técnico, transliterado do hebraico para o grego (e depois para o português), referia-se a algo que fora prometido por voto como oferta a Deus. O substantivo relacionado κορβανῶς (*korbanas*) é usado para o “tesouro do templo” (27:6).

Os judeus geralmente identificavam certos bens como “Corbã”. Todavia, os itens nem sempre eram doados ao tesouro do templo – pelo menos em vida. Esse tipo de voto proibia que os itens citados fossem usados para fins seculares, nem mesmo para o sustento dos pais do doador. No caso em questão, o indivíduo (talvez furioso) teria intencionalmente dedicado a Deus os recursos que deveriam ser usados para ajudar seus pais idosos. O Mishná fornece o exemplo de um homem que fez esse voto, proibindo o próprio pai de obter alguma ajuda dele¹⁴.

Uma vez que o cumprimento de um voto era obrigatório (Números 30:2; Deuteronômio 23:21–23), os fariseus teriam acusado de sério pecado¹⁵ quem descumprisse um voto (ou seja, votos de tradição humana) a fim de ajudar seus pais necessitados (o que Deus ordena). Com o tempo, parece que a opinião sobre esse assunto mudou. O Mishná¹⁶ parece deixar implícito que se um voto *korban* conflitasse com o dever de um indivíduo para com seus pais, o voto deveria ser anulado¹⁷.

Jesus disse que os fariseus, ao seguirem a **tradição** deles, **invalidaram a palavra de Deus**. “Invalidar” (ἀκυρόω, *akuroō*) é um termo legal, que significa “anular”. Uma possível paráfrase seria: “Vocês ignoraram a Palavra de Deus – destituindo-a de força e autoridade e tornando-a sem efeito”.

Versículo 7. Jesus chamou aqueles líderes judeus de **hipócritas** (veja os comentários sobre 6:2, 5). Eles fingiam defender a lei de Deus, quando na verdade eram contra ela. Apoiavam a natureza obrigatória dos votos, cujo propósito original era

glorificar a Deus. Todavia, os votos que negavam assistência aos pais eram feitos por interesse próprio. Defendendo esses votos, os fariseus estavam desonrando a Deus e à Sua lei.

Jesus concluiu Sua resposta com uma citação de Isaías 29:13. No prefácio da citação, Ele lançou uma repreensão: “**Bem profetizou Isaías a vosso respeito**”. Ainda que o profeta tenha se dirigido originalmente aos israelitas de sua época, suas palavras inspiradas também eram aplicáveis aos judeus do primeiro século (veja Atos 28:25–27), como mostrou Jesus. William Hendriksen comentou: “A história, em outras palavras, se repetiu”¹⁸.

Versículo 8. “**Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.**” Quando Jesus usou esta passagem do Antigo Testamento, Ele a relacionou com este acontecimento através da palavra “honra”. A acusação era que Seus discípulos não honravam a tradição. Jesus levou-os ao mandamento para honrar os pais. Deus ordenou que os pais fossem honrados pelos filhos. Os fariseus e os escribas honravam suas tradições, porém só honravam os pais por fingimento (veja 15:4)¹⁹. A verdadeira religião emana de um coração autêntico que ama a Deus acima de todas as coisas (Deuteronômio 6:5; Mateus 22:37, 38).

Versículo 9. “**E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.**” “Vão” (μάτην, *matēn*) significa “fútil” ou “para nada”. A adoração de ídolos é descrita com uma linguagem semelhante (“coisas vãs”; Atos 14:15). A religião do cristão que não controla sua língua é descrita como sendo “vã” (Tiago 1:26).

A linguagem deste versículo expõe o falso conceito de que Deus aceita qualquer tipo de adoração que Lhe é oferecida. Desde o início, Ele exigiu que as pessoas O adorassem de acordo com os Seus preceitos e com um coração sincero (Gênesis 4:1–8).

Neste caso, Jesus censurou os escribas e fariseus por trocarem a lei de Deus por tradições inventadas por homens. A futilidade desse tipo de religião era óbvia pelo que ensinavam as pessoas comuns a praticarem. No grego, a expressão para “ensinando doutrinas” (διδάσκοντες

¹⁴Mishná, *Nedarim* 5.6.

¹⁵Wilkins, p. 96.

¹⁶Mishná, *Nedarim* 9.1.

¹⁷Hill, p. 251.

¹⁸William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973, p. 614.

¹⁹Craig S. Keener, *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 412.

διδασκαλίας, *didaskontes didaskalias*) envolve repetição e poderia ser traduzida literalmente por “ensinando ensinados”. Embora as tradições tenham uma tendência de virar lei e de interferir na lei de Deus, nem todas as tradições são ruins.

Neste episódio, Jesus não estava condenando todas as tradições. Ele na verdade guardou as tradições quando participou da adoração na sinagoga, quando deu graças antes de uma refeição, e quando cantou os Salmos Hallel (113–118) na refeição de Páscoa. Contudo, Jesus censurou a imposição de tradições como se fossem leis e a equiparação delas às leis de Deus²⁰.

A VERDADEIRA CONTAMINAÇÃO (15:10–20)

¹⁰E, tendo convocado a multidão, lhes disse: **Ouvi e entendei:** ¹¹não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem.

¹²Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram? ¹³Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. ¹⁴Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.

¹⁵Então, lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola. ¹⁶Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? ¹⁷Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? ¹⁸Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. ¹⁹Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. ²⁰São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina.

À medida que esta seção de Mateus (15:1–20) avança, os ouvintes ou interlocutores de Jesus vão mudando continuamente. De início, Jesus debateu com os líderes judeus a respeito de tradições inventadas por homens (15:1–9). Depois, falou à multidão sobre a verdadeira contaminação espiritual (15:10, 11). E, por fim, explicou Sua declaração mais detalhadamente aos Seus discípulos (15:12–20).

²⁰Jack P. Lewis, *A Commentary on the Gospel According to Matthew*, Part 2, *The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 25.

Versículo 10. Muitos dentre a multidão que cercava Jesus podiam fazer parte do grupo dos que foram mencionados em 14:34–36, os quais viram os milagres do Senhor ou levaram seus entes queridos até Ele para serem curados. Obviamente, eles estiveram por ali, observando a confrontação entre Jesus e os líderes judeus. Jesus chamou essa multidão para mais perto a fim de comentar o que acabara de dizer a esses líderes. Jesus havia tratado apenas da pergunta que eles fizeram a respeito do amplo tema das tradições (15:2a). Neste contexto, Ele tratou mais especificamente da questão do ritual de lavagem de mãos (15:2b).

A expressão **ouvi e entendei** era a maneira de Jesus dizer: “Prestem atenção ao que estou dizendo” (veja 11:15; 13:9, 43). Porque Suas palavras eram claramente contrárias à antiga e prestigiada tradição de se lavar as mãos cerimonialmente antes de comer uma refeição, ia ser difícil para muitos deles entender ou aceitar o que Jesus estava para ensinar.

Versículo 11. Jesus disse: “**Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem**”. Com esta “parábola” (15:15), o Senhor explicou como uma pessoa fica impura aos olhos de Deus. Ele negou a tradição defendida pelos escribas e fariseus, que enfatizava a possibilidade de uma pessoa estar *cerimonialmente* impura. A santidade não vem de fora, mas ela procede de dentro para fora (23:25–28). É de dentro do coração que o mal procede, e esse mal encontra caminho pela fala (12:34, 35; 15:19, 20; Efésios 4:29; Tiago 3:6).

Versículo 12. Os discípulos aproximaram-se de Jesus, preocupados com os fariseus terem se escandalizado com a palavra de Jesus. A palavra grega para “escandalizar-se” (σκανδαλίζω, *skandalizō*) geralmente significa “levar a pecar”. Todavia, o verbo está na voz passiva aqui, significando “ficar preocupado”, “espantado” ou “enfurecido”. Embora muitas das coisas ditas por Jesus nos versículos antecedentes, sem dúvida, fossem ofensivas aos fariseus, “tua palavra”, contextualmente, refere-se ao que Ele disse no versículo 11. Comunica que a observância meticulosa do rito da lavagem de mãos tinha pouco, ou nenhum, valor espiritual. Essa prática – que lhes deixava orgulhosos – era uma perda de tempo e de energia. A religião desses judeus farisaicos consistia de rituais exteriores em vez de pureza interior. Ao desvalorizar tais tradições, Jesus estava destruindo

do a autoridade dos fariseus.

Os discípulos revelaram falta de maturidade espiritual ao se preocuparem com a reação desses líderes. Jesus não se preocupava em estar politicamente correto; Ele se preocupava em dizer a verdade. Ele sabia que Suas palavras ofenderiam os fariseus. Às vezes, a verdade dói; de fato, geralmente ela ofende pessoas. A verdade sempre deve ser dita com amor (Efésios 4:15), mas a verdade da salvação precisa ser dita, ou o estrago será enorme (1 Timóteo 2:4).

Versículo 13. Jesus respondeu às preocupações dos discípulos dizendo: **“Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada”**. O âmago desta afirmação é que aquilo que não procede do Pai não vingará. A expressão “meu Pai celestial” denota o relacionamento íntimo entre Jesus e Deus (veja 18:35). Por causa desse relacionamento, Jesus podia falar com autoridade a respeito dos líderes judeus (veja 7:28, 29).

“Toda planta” pode se referir às falsas doutrinas ensinadas pelos fariseus. Essas tradições criadas por homens eram plantas que Deus não havia plantado. Elas seriam arrancadas pela verdade divina, pois a Sua verdade dura para sempre. A verdade eterna estava sendo revelada por meio do ministério de Jesus.

Outra possibilidade é que “toda planta” refira-se aos fariseus, que estavam trocando a Palavra de Deus por suas próprias tradições. O Antigo Testamento descreve o povo de Deus como Sua “planta” ou como tendo sido “plantado” por Ele (Isaías 5:2, 7; 60:21; 61:3; Ezequiel 17:22, 23). A imagem de plantar e arrancar é especialmente recorrente em Jeremias (Jeremias 1:10; 2:21; 11:17; 12:2; 18:7, 9; 24:6; 31:28; 32:41; 42:10; 45:4). Se “toda planta” se referir aos fariseus, então o termo “arrancada” aponta para o julgamento deles (veja 3:7–12; 13:24–30, 36–43). As duas hipóteses são plausíveis.

Versículo 14. A advertência do Senhor aos discípulos foi esta: **“Deixai-os”**. Os discípulos não precisavam proteger a posição ou os interesses dos fariseus (15:12). Eles deveriam afastar-se desses religiosos, pois nada tinham para lhes oferecer. Mais tarde, Jesus advertiu os discípulos acerca do “fermento dos fariseus”, ou seja, seus ensinamentos (16:11, 12). A necessidade de Jesus fazer essas advertências indica a influência poderosa dos fariseus sobre o povo judeu (veja João 7:13; 9:22; 12:42; 19:38, 39).

Os fariseus se diziam “guias de cegos”, luzes

aos que estavam em trevas espirituais (Romanos 2:19). Jesus usou essa alegação para dizer que eles eram **cegos, guias de cegos** (23:16, 24; veja João 9:39, 40). As doenças oculares eram comuns na Palestina do primeiro século, por isso também eram comuns os mendigos cegos²¹. Consequentemente, esses enfermos precisavam que outros os guiassem de um lugar para o outro. No entanto, um cego guiar outro cego seria o cúmulo do absurdo, pois **ambos cairiam no barranco** (veja Lucas 6:39). Os fariseus não conheciam a verdade e estavam guiando outros rumo à destruição. Alguns acreditam que se uma pessoa estiver seguindo um falso mestre, o mestre é que será condenado, e não seus seguidores. Jesus mostrou que ambos, mestre e seguidor, têm a responsabilidade de aceitar somente a verdade.

Versículo 15. Então, lhe disse Pedro: “Explicanos a parábola.” Em muitas circunstâncias, Pedro serviu de porta-voz para os demais discípulos (veja os comentários sobre 14:28). Estaria ele se referindo à figura da planta sendo arrancada (15:13) ou ao cego guiando outro cego (15:14)? A resposta de Jesus (15:16–20) indica que Pedro fazia alusão a uma declaração anterior: “Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem” (15:11). Aqui a palavra “parábola” (παραβολή, *parabolē*) denota um dito enigmático. Jesus costumava explicar Suas parábolas aos discípulos quando estavam num ambiente mais privado (13:36; Marcos 4:34).

Versículo 16. Disse o Senhor aos discípulos: **“Também vós não entendeis ainda?”** Considerando que os discípulos já estavam com Jesus por tanto tempo, observando Seu estilo de vida e ouvindo Seu ensino, Jesus esperava que eles estivessem num nível de entendimento mais elevado. Deveríamos ver a pergunta de Jesus como uma forte denúncia da falta de discernimento espiritual dos discípulos ou simplesmente como uma repreensão branda? Independentemente do nível de decepção de Jesus, Ele explicou com paciência o significado da parábola.

Versículo 17. Inicialmente, Jesus explicou a primeira frase da parábola: “Não é o que entra pela boca o que contamina o homem” (15:11a). Nesse momento, Jesus perguntou-lhes: **“Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso?”** A

²¹Morris, pp. 396–97.

NVI diz: “Não percebem que o que entra pela boca vai para o estômago e mais tarde é expelido?” A tradição dos fariseus da lavagem de mãos por causa da pureza cerimonial só tem a ver com o reino físico. O alimento tocado por mãos não lavadas entra “na boca”, é digerido no “estômago” e depois é “expelido” como dejetos humanos. O texto grego diz que ele vai para o ἀφεδρῶν (*afedrōn*), ou seja, a “latrina”. O Senhor estava enfatizando que comer comida com mãos não lavadas não afeta o coração de uma pessoa (Marcos 7:18).

Versículo 18. Após essa consideração, Jesus passou para a segunda frase da parábola: “Mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem” (15:11b). Ele insistiu que as palavras ditas pela pessoa **vêm do coração** e que estas podem causar contaminação espiritual. O “coração” (*καρδία, kardia*) representa o centro da vida interior de um ser humano; ele agrega os sentimentos, o pensamento, a consciência e a vontade do indivíduo (veja os comentários sobre 5:8; 6:21). Anteriormente em Mateus, Jesus repreendeu os fariseus com estas palavras: “Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração” (12:34). Quando o coração de uma pessoa é puro, as palavras que procedem de sua boca serão puras. Quando o coração dela é mau, as palavras que procedem de sua boca são más.

Versículo 19. Cristo continuou enumerando outros tipos de fraquezas que se originam no **coração**. Nessa lista, exceto pela menção de **maus desígnios**, Ele seguiu a segunda parte dos dez mandamentos – aqueles pertinentes às relações interpessoais: **homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias** (Êxodo 20:13–16)²². Esses mesmos pecados são mencionados em outras passagens do Novo Testamento (1 Coríntios 6:9, 10; Apocalipse 9:21; 21:8; 22:15). Jesus já havia ensinado no sermão do monte que esses pecados começam no coração (5:21–48).

Versículo 20. O Senhor concluiu Sua explicação aos discípulos dizendo: **“São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina”**. A verdadeira pureza é espiritual quanto à sua natureza; envolve o coração da pessoa – seus pensamentos, emoções,

consciência e vontade. Essa avaliação salta em gritante contraste com a atenção que os fariseus davam à purificação cerimonial. O julgamento de Jesus sobre mãos não lavadas encerra a questão da acusação inicialmente levantada contra Seus discípulos em 15:2 e, segundo a disposição da narrativa de Mateus, forma uma unidade de pensamento (15:1–20)²³.

LIÇÕES

TRADIÇÃO (15:1–9)

O ilustre historiador e filósofo Will Durant escreveu certa vez: “A tradição é a voz do tempo; o tempo é o critério da seleção; uma mente criteriosa respeita o veredito destes, pois só os jovens ousam saber mais do que dois mil anos”²⁴.

Mateus 15:1–9 destaca o conflito antiquíssimo entre verdade e tradição. Jesus Se preocupava com a verdade divina, porém Seus inimigos estavam mais preocupados com suas tradições inventadas por homens. Apesar disso, Jesus não condenou todas as tradições quando rejeitou a prática da lavagem de mãos cerimonial. Segundo o registro bíblico, Ele participou da Páscoa pelo menos três vezes. Ele foi até a sinagoga no sábado, “segundo o Seu costume” (Lucas 4:16). Quando estava nas adjacências de Jerusalém, visitava o templo. Poderíamos argumentar que algumas dessas coisas eram ordenadas pela Lei, e isso seria verdade, mas ainda eram tradições religiosas.

Não podemos rejeitar todas as tradições. Aquelas que foram ordenadas por Deus precisam ser observadas (1 Coríntios 11:2; 2 Tessalonicenses 2:15; 3:6). Certas tradições inventadas por homens, embora não devam ser impostas a ninguém, podem ser dignas de serem observadas. As tradições de homens podem ter algum valor e não devem ser descartadas simplesmente por serem antigas.

O perigo não está em guardar uma tradição; está em permitir que tradições humanas sejam vistas como lei ou em abandonar práticas que foram ordenadas por Deus. O que mais preocupou Jesus em 15:1–9 foi o fato de os fariseus transformarem suas tradições em algo mais importante do que os mandamentos de Deus. Sempre que fizermos isso, estaremos cometendo pecado.

²³Hill, p. 252.

²⁴Will Durant, *The Story of Civilization*, vol. 3, *Caesar and Christ*. Nova York: Simon and Schuster, 1944, 1972, p. 295.

²²“Prostituição” está no mesmo grupo de “adultérios”, e “blasfêmias”, no mesmo grupo de “falsos testemunhos”.

A ADORAÇÃO EM VÃO (15:7-9)

Deus quer os nossos corações, não apenas a nossa adoração oral (Romanos 10:9, 10). Ele quer que O amemos de coração (22:37), que cantemos de coração (Colossenses 3:16), que obedeçamos de coração (Efésios 6:6) e que até ofertemos de coração (2 Coríntios 9:7). A adoração “em espírito e em verdade” deve proceder do coração (João 4:23, 24).

Ao contrário da verdadeira adoração, existem atividades religiosas que Jesus classificou como “vãs”. Hoje, alguns pensam que não importa como adoramos a Deus. Veem Deus como um ser benevolente que aceita tudo o que escolhemos Lhe oferecer em adoração. É evidente que não é assim (Malaquias 1:7-9).

Especificamente, a adoração praticada pelos líderes judeus hipócritas era “em vão” (“inútil”; “fútil”) porque estavam “ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (15:9). Muitas doutrinas inventadas por homens estão sendo ensinadas atualmente como se tivessem precedência sobre a Palavra de Deus. Aqueles que propagam falsas doutrinas estão adorando a Deus em vão.

ADORAÇÃO (15:7-9)

“Adorar” é “render culto a uma divindade; reverenciar; amar extremosamente”²⁵. A adoração, por definição, dever ser centrada em Deus e não em seres humanos. Adorar é oferecer louvor por tudo o que Deus e Seu Filho fizeram e estão fazendo por nós. É a oportunidade que temos de dizer: “Obrigado, Pai!” e “Obrigado, Jesus! Deus, Tu és tão bom para nós!”. A adoração não tem o único propósito de nos fazer sentir bem. Com certeza, a verdadeira adoração, direcionada a Deus, deixará o adorador cheio de amor, alegria e paz; mas tudo isto é o subproduto da nossa devoção espiritual.

Hoje, muitos acreditam que não importa como adoramos a Deus coletivamente, desde que sejamos sinceros. Segundo estes, se alguém quer prestar um culto de adoração em estilo *jazz*, *sertanejo* ou *clássico*, está tudo bem. Se quiser solos, quartetos ou coros, está tudo bem também. Se quiser música instrumental na adoração coletiva, ou um grupo que imite instrumentos musicais, está tudo certo. Se a opção for apresentar uma

²⁵ *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2a. ed., rev. e ampliada, v.v. “adorar”.

dramatização teatral no lugar do sermão, não há objeção. Ora! Adoração não é entretenimento! Ela não foi idealizada para agradar os adoradores; tem o propósito de agradar a Deus.

Deus sempre teve um plano de adoração. É irracional e antibíblico pensar que Ele não tem um plano para os dias de hoje. Deus obviamente disse a Caim a a Abel o que Ele queria que oferecessem em sacrifício a Ele (Hebreus 11:4). Abel obedeceu, mas Caim optou por oferecer segundo a sua escolha. Deus aceitou Abel e sua oferta e rejeitou Caim e sua oferta (Gênesis 4:3-7). Nadabe e Abiú, dois filhos de Arão que eram sacerdotes (Êxodo 24:9, 10), foram “consumidos” por fogo do céu quando ofereceram “fogo estranho perante a face do Senhor” (Levítico 10:1, 2). Deus já havia especificado que o fogo para acender o altar de incenso deveria ser obtido com um incensário do fogo do altar, e muitos comentaristas concordam que não foi isso que os dois irmãos fizeram. Seja qual for o significado de “fogo estranho”, ele não estava no plano de Deus para a adoração na era mosaica; Nadabe e Abiú pagaram caro pela desobediência. Através do exemplo aprovado dos apóstolos somos informados a respeito de como a igreja primitiva adorava a Deus (veja Atos 2:42; 20:7; 1 Coríntios 11:20-34; 14:15; 16:2). Se a igreja sob a direção de homens inspirados adorava a Deus no Dia do Senhor cantando, orando, ofertando, celebrando a ceia do Senhor e ouvindo uma mensagem da Palavra de Deus, o que nos dá o direito de modificar esse modelo?

Jesus disse que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (João 4:23, 24). Adorar “em verdade” significa segundo a Palavra de Deus, a qual é a verdade (João 17:17) e adorar em espírito é adorar do espírito (o ser interior)²⁶. Não basta meramente fazer uma simulação (veja Malaquias 1:6-14). Como podemos adorar em espírito? Primeiramente, nossos pensamentos devem estar concentrados em Deus. Em segundo lugar, devemos meditar nas verdades que estão sendo ensinadas. Em terceiro lugar, deve haver um desejo ardente de agradar a Deus. Em quarto lugar, nossa adoração precisa ser sincera.

²⁶ O contexto de João 4 enfatiza que a verdadeira adoração não é mediata por um *lugar* particular (Jerusalém ou o monte Gerazim), mas ela ocorre através de uma *pessoa* (Jesus Cristo). A adoração verdadeira, espiritual só é possível por meio dEle (João 14:6, 13, 14; 16:23, 24; Efésios 5:19, 20; Colossenses 3:16, 17).

Podemos ser desculpados por não termos as melhores vozes ou as orações mais eloquentes, mas não podemos nos permitir agir sem sinceridade.

Deus condena a adoração falsa, a adoração contaminada por escolhas pessoais, a adoração vã e a autoadoração. Evidentemente, nem toda adoração é aceitável a Deus. A adoração é inaceitável

quando Deus não é o objeto, quando adoramos segundo nossos padrões, quando não oferecemos o melhor de nós a Deus, quando não vivemos de acordo com a Sua vontade ou quando o estilo de adoração é mais importante do que o que Deus ordenou.

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS